

# DOIS ESTRANHOS DISTANTES

*Paola Amendoeira*

Estamos no campo dos sonhos de repetição, daqueles em evolução, que buscam encorpar nossa experiência de vida.

Aqueles que nos perseguem.

Fakhry, importante psicanalista da Sociedade Britânica, já avisou: ser preto num mundo branco é... uma agonia.

Durante 32 minutos vamos acompanhando a elasticidade da capacidade de aprender com a experiência ser levada à sua máxima tensão, até o rompimento derradeiro.

Numa matriz estruturalmente racista as discriminações são dispositivos que mantêm e perpetuam os preconceitos, garantindo o privilégio através da diminuição e aniquilamento dos outros.

Durante cerca de 9 minutos, George Floyd repetiu 20 vezes... eu não consigo respirar.

No nosso meio, o Mapa da Violência de 2016 revelou uma realidade na qual um jovem negro é assassinado a cada 23 minutos. De todos os homicídios do período pesquisado, 70% das vítimas eram negras (pretos e pardos). São os negros os que mais morrem de Covid-19 no Brasil e também constituem 66,7% da população carcerária do nosso país.

Muitas são as formas através das quais podemos conversar sobre sonhos. Na mais expansiva delas, cada elemento do sonho pode ser compreendido como um aspecto, um traço, uma experiência, um afeto que compõe aquele que é o Eu e os seus não-eus.

No decorrer do curta, a cada repetição, o sonhador vai passo a passo revivendo, refazendo, repetindo, corrigindo, ou tentando corrigir, um percurso. A única coisa que ele quer é conseguir voltar para casa e alimentar seu cão que o espera.

Para, respira, recomeça, tenta mais uma vez seguir seu dia, seguir sua vida. De tantas e tantas vezes re-vivendo essa violência vai conhecendo o policial, identificando suas particularidades, conhecendo sua história, buscando alternativas e diálogos. Aprende com a experiência que vai evoluindo.

Respira e tenta de novo.

Ao som de Bruce Hornsby cantando: É assim que é, algumas coisas nunca vão mudar, o sonhador entrega biscoitos ao seu cachorro virtualmente enquanto conta que na noite anterior conheceu uma gata, tomaram umas cervejas, foram para casa dela e tiveram aquela noite gostosa. Mas lembra ao cachorro: Veja lá, não vai fazer cocô no tapete.

Sai para o começo do seu dia, alegre e satisfeito com a noite, o dia está bonito, para e acende um cigarro, logo ficamos sabendo que ele também está bem financeiramente. Enfim, nosso sonhador está naquele momento, se sentindo 'O cara'.

Do outro lado, seu interlocutor, o policial, branco, não falha e não perde a oportunidade de abordá-lo. O frustrado se encontra com o realizado. A inveja incontrolável e infantil levanta o mapeamento vertical eu-outro, e faz da relação

de poder a apoteose da raiva e da maldade. Trabalhando na rua, frustrado, o policial depende que o negro seja perigoso para que ele possa existir como salvador e herói. Aqui quem parece não conseguir respirar, e muito menos pensar, é o policial, incapaz de registrar qualquer experiência que lhe permitisse conhecer sua vítima. Cena a cena ele remete à rigidez inflexível em movimento duro. Não lhe interessa encontrar intersecções que tragam proximidade, identificação ou que possam se desdobrar em qualquer espécie de partilha. Pelo contrário, está ativa e sistematicamente fazendo trabalhar uma organização para impedir o avanço e para sustentar essa sua total indisponibilidade e extremo desconforto com o Outro – lá fora e o de si mesmo.

O policial branco, destilando seu rol de preconceitos, quer ser o mocinho ao custo de inventar no sonhador uma negritude bandida que reafirma a profecia de que não importa, é assim que as coisas são, e algumas nunca vão mudar.

A narrativa faz parecer que a cena se passa em algum bairro nobre ao qual nem nosso sonhador, nem o policial pertenciam. Ambos, cada um ao seu modo não estavam no seu lugar. Esta é a intersecção comum que permite ao policial fazer de nosso sonhador, o escolhido do momento para ser a vítima do seu jogo de poder do dia. E assim garantir para si um senso de superioridade, que acalma as suas ansiedades decorrentes da sua própria experiência de inferioridade que experimenta ao trabalhar em bairro nobre.

A raiva aumenta, nosso sonhador se esforça para controlá-la, respira e tenta uma nova alternativa. A cada nova tentativa ele avança e ganha tempo. Depois de tantas experiências já entendeu que perder a calma só vai fazer a situação se complicar ainda mais. Tenta conversar mais.

Quem nunca diante de uma grande conquista ou realização teve medo de que algo pudesse acontecer que pusesse tudo a perder, ou tivesse o poder de estragar tudo aquilo conquistado?



Mas não nos enganemos, aqui a situação é outra. O filme nos faz viver junto com o sonhador a diferença que é uma vida que realiza e repete sistematicamente a fantasia como realidade.

De um modo ou de outro, não adianta criatividade... no fim o assassino não resiste e executa sua intenção impedindo o cachorro/protagonista de ganhar os seus biscoitos. E aqui, como no sonho, vale lembrar que hoje biscoitos para cachorros é também gíria que nomeia essa experiência de se expor esperando *likes* em troca nas redes sociais.

Nosso personagem principal, de um modo ou de outro, fala da agonia que é, ao fim e ao cabo, nunca estar seguro de que terá direito, também, a ganhar seus biscoitos. O ato espontâneo de simplesmente dar uma parada para fumar um cigarro em comemoração ao feito não poderia ser mais perigoso.

A cada momento nosso sonhador vai se adaptando mais, vai ficando mais dócil, revivendo a história anterior e consertando o que pode ter sido errado, ou mal-feito, e que pode ter levado ao desdobrar do infortúnio. O sentimento de culpa por não conseguir deixar de fazer merda em algum lugar, a tentativa de fazer e refazer a coisa direito acompanham o sonhador, de modo indelével.

Até que, no último momento, quando finalmente ele achava que tinha conseguido controlar sua raiva suficientemente e feito daquilo tudo um bom negócio, ao conseguir evitar a repetição e ter uma carona dada pelo seu algoz para casa.

De novo o fracasso. O ódio branco realiza o assassinato. A partir de então o dono não poderá mais dar biscoitos ao seu cão de estimação. Está irreversivelmente morto e posto em seu devido lugar. É assim que as coisas são, e algumas nunca irão mudar.

Essa história se repete todo dia.

Recordar, repetir, elaborar.

É através do preconceito que se 'instala' na mente, as crenças e convicções de um determinado sistema de valores. Os preconceitos estão enterrados e enraizados dentro

de todos nós, são transmitidos transgeracionalmente e fazem parte da formação de identidade, nosso senso de pertencimento e de harmonia possível com o grupo em que nascemos. Seus impactos e desdobramentos negativos mobilizam tanta dor e sofrimento que acabam tomando a atenção de um modo que não abrimos o espaço para pensar sobre as vantagens que se mantêm garantidas ao preconceituoso e que faz com que se perpetue como lugar de desejo, com tanta eficiência.

Que tipo de ferramentas e habilidades precisamos desenvolver que possam permitir e garantir que nosso policial interno, mocinho assassino, branco, ganhe alguns minutinhos para pensar, para respirar, cuidar do seu próprio medo e assim, reduzir o risco de perder o controle sobre seus preconceitos, muitas vezes inconscientes?



*Paola Amendoeira é membra associada da Sociedade de Psicanálise de Brasília*